



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



**UFSC NA MÍDIA - CLIPPING
30 de julho de 2012**

A Notícia Portal

“Mais construção”

Joinville / Área do entorno da UFSC / Área construída

Mais construção

Mais uma vez, envolve uma área de transição, no caso, a do entorno da UFSC. Antes, estava previsto que as áreas industriais só poderiam ocupar 20% do imóvel com área construída. Agora, a intenção é liberar até 50%. A área de transição do Paranaguamirim fica como está.

Notícias do Dia Geral

“Obras: Estudos nas zonas de risco são retomados”

Florianópolis / Plano municipal de redução de riscos de escorregamento / UFSC / Comunidade da Mariquinha / Prefeito Dario Berger

OBRAS

Estudos nas zonas de risco são retomados

FLORIANÓPOLIS — Lançada no dia 25 de julho, a tomada de preço para a contratação de empresa para prestar serviços de consultoria e revisão no plano municipal de redução de riscos de escorregamento, elaborado pela UFSC em 2007, devolve a esperança aos moradores das zonas de risco de Florianópolis, principalmente os que vivem na comunidade da Mariquinha. Em 90 dias, a empresa vencedora da licitação deverá apresentar um estudo preliminar sobre as zonas de risco, o que possibilitará a Prefeitura o início das obras.



ALEXANDRO ALBORNOZ/ARQUIVO/ND

Tragédia. Deslizamento no Morro da Mariquinha, em dezembro de 2012

O prefeito Dario Berger informou que os R\$ 9 milhões captados no ano passado para obras de melhorias em 36 pontos de risco já começaram a ser aplicados. “Apenas a região da Mariquinha que precisa esperar mais um pouco. Dinheiro nós temos, aguardamos apenas os es-

tudos ficarem prontos”, disse.

Desde a tragédia no Morro da Mariquinha, em dezembro do ano passado, 21 famílias foram removidas de suas casas e passaram a depender do aluguel social para viver. O benefício recebido é de R\$ 300 para cada grupo familiar. **(Fábio Bispo)**

Notícias do Dia

Cidade

“Prestígio ficou no passado”

Terminal Rodoviário Rita Maria / Defesa Civil / Estado de emergência / Corpo de Bombeiros / Departamento de Transporte e Terminais – DETER / Secretário Estadual de Infraestrutura Valdir Cobalchini / UFSC / Projeto para recuperação do terminal

Prestígio ficou no passado

Rodoviária. Inaugurado com pompa, terminal hoje acumula série de problemas

ALINE TORRES

aline.torres@noticiasdodia.com.br

@alinetorres_ND

FLORIANÓPOLIS — A Capital estava alvoroçada pela inauguração do Terminal Rodoviário Rita Maria, no dia 7 de setembro de 1981. A banda Blitz, um dos sucessos da época, embarcaria o feriado da independência. Numa segunda-feira fria, Volnei dos Santos, que tinha 16 anos, vestiu a jaqueta de couro preta para prestigiar o evento. “Aquele dia foi um marco para cidade”, lembra o comerciante.

Trinta anos depois o prestígio da rodoviária ruiu em conjunto

com a infraestrutura. Atualmente, os espetáculos que Volnei assiste dentro do terminal são de outra esfera: o gotejar da chuva empoçando o piso, os vãos das telhas e o desabamento das barras de alumínio que reforçam a contenção do telhado.

Embora Volnei não saiba, sua observação tem embasamento oficial. Há dois anos a Defesa Civil decretou estado de emergência diante da possibilidade de queda do telhado. A estrutura de ferro foi comprometida pelas infiltrações. Dia 1º de fevereiro deste ano, no auge da temporada de verão, uma canaleta desabou, assustando os passageiros e ge-

rando polêmica na cidade: o Rita Maria nunca foi reformado.

O Corpo de Bombeiros advertiu no laudo, entregue dia 15 de junho, sobre a falta de precauções contra incêndios. Os alarmes que detectam o fogo estão quebrados, a fiação elétrica está exposta, há fios desencapados, a quantidade de extintores não se adequa ao padrão mínimo de segurança e a iluminação é insuficiente.

A pretariedade do Rita Maria é justificada pelo Deter (Departamento de Transporte e Terminais) – autarquia que administra o terminal desde sua fundação – pela falta de verba. Mas a maioria dos boxes, que poderiam ser alugados,

contribuindo com a receita anual do Deter de aproximadamente R\$ 5,5 milhões, estão fechados.

O secretário estadual de Infraestrutura, Valdir Cobalchini, confidenciou sexta-feira ao Notícias do Dia que há possibilidade de privatização do terminal, que custa R\$ 3,6 milhões anuais aos cofres públicos. O promotor público Daniel Paladino também está à procura de soluções. Após ajuizar ação civil pública, dia 28 de junho, pediu uma liminar para cobrar reformas, do Deter e do Estado. Se a liminar for deferida, as obras deverão ser executadas em 180 dias, sob pena de multa diária de R\$ 10 mil.



CAOS
Goteiras, fiação elétrica exposta falta de alarme contra incêndio e iluminação inadequada

Saiu no **ND**



Notícias do Dia publicou reportagens sobre os problemas do terminal. Para resolvê-los, governo quer privatizar a rodoviária



Escondida no piso preto. José Elizeu Maciel andou por todo o terminal em busca de uma tomada para carregar o telefone celular

Restaurante e lojas fechados no domingo

Cristina Bhascher, 58 anos, chegou mais cedo na rodoviária para almoçar e ver algumas vitrines. Na ausência de escada rolante e diante de um elevador quebrado, subiu as escadarias carregando duas malas grandes. Esforço e decepção.

O pavimento superior do Terminal Rita Maria estava deserto do domingo: restaurante fechado, o acesso às lojas impossibilitado pelas grades, o espaço cultural com as luzes apagadas. “Isso que aos domingos a rodoviária está lotada”, lembra Cristina.

O Terminal Rodoviário Rita Maria é a principal porta de acesso dos turistas à Ilha: desde janeiro, 1,291 milhão de passageiros vieram e partiram por algum dos quatro portões. José Elizeu Maciel, 30, servente, desbravou o terminal atrás de uma tomada. Com 12 horas de viagem pela frente – de Florianópolis a Rio Grande – queria carregar o celular. Na busca, encontrou somente no piso intermediário, completamente vazio, dois buracos quase imperceptíveis no chão de piso preto.



Há 30 anos. Volnei dos Santos estava na inauguração do terminal, em 1981

ENTENDA O CASO

Trinta anos de problemas

- O Terminal Rodoviário Rita Maria foi inaugurado dia 7 de setembro de 1981. O prédio nunca foi reformado, apenas teve reparos emergenciais.
- Os primeiros problemas surgiram dez anos depois, em 1991, quando foi cogitada a primeira privatização. As outras foram propostas em 2000 e 2010.
- Em 2010, a Defesa Civil decretou situação de emergência e notificou o Deter (Departamento de Transportes e Terminais), responsável pelos reparos.
- O Notícias do Dia reportou a situação precária do terminal, com lixeiras e baldes para amenizar o problema das goteiras.
- No mesmo ano, a UFSC elaborou um projeto para recuperação do terminal. A obra custaria aproximadamente R\$ 5 milhões, mas não foi executada pelo Deter.
- Dia 1º de fevereiro de 2012, no auge da temporada, um pedaço do telhado se despreendeu assustando os passageiros.
- Dia 15 de junho, o Corpo de Bombeiros de Santa Catarina fez uma vistoria e relatou risco de incêndio.
- O promotor da 30ª Promotoria de Justiça da Comarca de Florianópolis, Daniel Paladino, instaurou um inquérito civil público;
- Como os problemas não foram sanados, Paladino ajuizou uma ação civil pública, dia 28 de junho, e pediu uma liminar cobrando do Estado e do Deter a execução das obras em 180 dias, sob pena de multa diária de R\$ 10 mil.
- Dia 27 de julho, o governo do Estado cogita a hipótese de privatização do terminal.

"Gripe A: SC à espera de dias mais quentes para aplacar vírus"

Gripe A / Santa Catarina / H1N1 / Vigilância Epidemiológica de SC / Fábio Gaudenzi /
Ministério da Saúde / Professor da UFSC Lúcio José Botelho

GRUPE A SC à espera de dias mais quentes para aplacar vírus

Vírus tem assombrado os catarinenses todos os anos e tem perdido força apenas com a passagem do frio intenso no Estado

DIOGO VARGAS

As 72 vidas perdidas em razão de gripe A este ano mostram que Santa Catarina tem muito a avançar em prevenção e isolamento do vírus.

Depois de dois anos em que o H1N1 parecia dar uma trégua, o Estado convive mais uma vez com o problema. O drama renasce e termina a cada começo e fim de inverno, sem medidas capazes de enfrentá-lo e sufocá-lo a ponto de não assombrar os catarinenses.

Desde o começo do ano, 741 casos foram confirmados para Influenza A (H1N1), o vírus da Gripe A. Blumenau, no Vale do Itajaí, desponta com 57 casos, o maior no ranking es-

tadual. A Vigilância Epidemiológica afirma que a curva da circulação do vírus está descendente e a quantidade de casos tende a cair nas próximas semanas.

Os dados do órgão revelam que, das mortes, 51,4% são do sexo masculino e 48,6% do sexo feminino. A média de idade das vítimas é de 48 anos. As faixas etárias com maior número de mortes foram de 40 a 49 anos (29,2%) e 50 a 59 anos (31,9%).

Na avaliação das mortes em conjunto com o Ministério da Saúde foi apurado que 85% dos pacientes apresentavam fator de risco ou eram portadores de doenças crônicas, principalmente obesidade e tabagismo.

As últimas 10 pessoas que morreram moravam em São Bento do Sul (mulher de 82 anos), Cunha Porã (homem de 67 anos), Lages (homens

de 39 anos e 31 anos), Videira (homem de 88 anos), São José (mulher de 58 anos), Fraiburgo (mulher de 58 anos), Orleans (homem de 38 anos), Indaial (mulher de 59 anos) e Forquilha (mulher de 27 anos).

Na avaliação do médico epidemiologista e professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Lúcio José Botelho, Santa Catarina precisa de medidas mais intensificadas para amenizar o problema.

— As gripes nunca preocuparam tanto porque as pessoas não morriam. Penso que vacinar em massa e aumentar os isolamentos são coisas que ainda não se faz muito bem. O ideal é não buscar culpado e sim buscar solução, pensando algo coletivo — assinala Botelho.

diogo.vargas@diario.com.br

ENTREVISTA

Fábio Gaudenzi de Faria Diretor da Vigilância Epidemiológica de SC

"Infelizmente acontece todos os anos"

O diretor da Vigilância Epidemiológica de Santa Catarina, Fábio Gaudenzi de Faria, afirma que é preciso recorrer à etiqueta da tosse e levar a mão à boca para reduzir a circulação da influenza e, assim, reduzir a circulação do vírus H1N1.

Diário Catarinense - O que falta para amenizar a situação da gripe A em Santa Catarina?

Fábio Gaudenzi - Estamos no final da curva descendente. Nas últimas duas semanas, praticamente não tivemos óbitos. Os que tivemos são de quatro semanas atrás.

DC - A sensação é de que se trata de um problema que só acaba ao final do inverno...

Fábio - Não. Na verdade, o período de circulação é de seis semanas e tem coincidência com o período de inverno. Esse ano tivemos uma circulação mais precoce. Ainda temos mais um mês e meio de inverno. O período de maior intensidade já ocorreu. Infelizmente, é um fenômeno que acontece todos os anos.

DC - O que falta para acabar com as mortes?



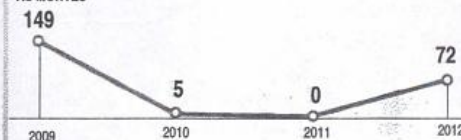
Fábio - É impossível. Não existe nenhuma fórmula para você garantir zero óbito. É impossível você eliminar ou erradicar o influenza com a nossa tecnologia. Talvez daqui a 10, 20 anos tenhamos uma vacina que seja 100% eficaz para todos os tipos de influenza. Isso não é a nossa realidade no momento no mundo inteiro.

DC - Como prevenir melhor?

Fábio - Precisamos trabalhar melhor os fatores de risco, reduzir a circulação viral com a etiqueta da tosse. Precisamos que as pessoas procurem tratamento rapidamente e que os profissionais prescrevam melhor esse tratamento e ainda vacinar melhor os nossos doentes crônicos, que infelizmente são uma parcela da população que não é vacinada de uma maneira ampla.

A doença

AS MORTES



OS PRINCIPAIS SINTOMAS



Fonte: Diretoria de Vigilância Epidemiológica.

TIRE SUAS DÚVIDAS



QUANDO PROCURAR UM MÉDICO

- É importante que a pessoa, já nos primeiros sintomas de gripe comum ou gripe A, procure um médico, seja na rede pública ou particular.
- O ideal é que essa avaliação médica ocorra nas primeiras 48 horas.



QUANDO OS MÉDICOS DEVEM PRESCREVER O ANTIVIRAL

- Os médicos estão orientados a prescrever o Tamiflu aos pacientes que apresentarem quadro de síndrome gripal, com febre acompanhada de tosse ou dor de garganta.
- Desde a semana passada, o Tamiflu passou a ser comercializado nas farmácias com receita médica simples, e não mais em duas vias, o que deve facilitar o acesso.
- O antiviral está disponível gratuitamente no Sistema Único de Saúde (SUS).



COMO FUNCIONA A VACINA

- A vacina protege contra três tipos de gripe.
- A taxa de proteção está entre 60% e 70%.
- Ela passa a agir 20 dias depois da aplicação e é válida por um ano, depois é preciso se vacinar novamente.
- Os grupos mais vulneráveis à doença, que receberam a vacina são os de 60 anos ou mais, de seis meses até completar dois anos, gestantes, indígenas, profissionais da saúde e pacientes com doenças crônicas, como respiratórias, cardíacas, HIV, câncer e diabetes.



SINTOMAS DA GRUPE A

- Tosse e espirros
- Fortes dores no corpo, na cabeça e na garganta
- Febre alta, acima de 38°C
- Pode haver náuseas, vômitos e diarreia e falta de ar

Fonte: DIVE